

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

3º BIMESTRE

AUTORIA

LILIANE BARROS PEDRO

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

O CORTIÇO

ALUÍSIO AZEVEDO

(...)

Algumas lavadeiras enchiam já as suas tinas; outras estendiam nos coradouros a roupa que ficara de molho. Principiava o trabalho. Rompiam das gargantas os fados portugueses e as modinhas brasileiras. Um carroção de lixo entrou com grande barulho de rodas na pedra, seguido de uma algazarra medonha algaraviada pelo carroceiro contra o burro.

E, durante muito tempo, fez-se um vaivém de mercadores. Apareceram os tabuleiros de carne fresca e outros de tripas e fatos de boi; só não vinham hortaliças, porque havia muitas hortas no cortiço. Vieram os ruidosos mascates, com as suas latas de quinquilharia, com as suas caixas de candeeiros e objetos de vidro e com seu fornecimento de caçarolas e chocolateiras, de folhas-de-flandres. Cada vendedor tinha o seu modo especial de apregoar, destacando-se o homem das sardinhas, com as cestas do peixe dependuras, à moda de balança, de um pau que ele trazia ao ombro. Nada mais foi preciso do que o seu primeiro guincho estridente e gutural para surgirem logo, como por encanto, uma enorme variedade de gatos, que vieram correndo acercar-se dele com grande familiaridade, roçando-se-lhe nas pernas arregaçadas e miando suplicantemente. O sardinheiro os afastava com o pé, enquanto vendia o seu peixe à porta das casinhas, mas os bichanos não desistiam e continuavam a implorar, arranhando os cestos que o homem cuidadosamente tapava mal servia ao freguês. Para ver-se livre por um instante dos importunos era necessário atirar para bem longe um punhado de sardinhas, sobre o qual se precipitava logo, aos pulos, o grupo de pedinchões.

A primeira que se pôs a lavar foi a Leandra, por alcunha a “Machona”, portuguesa feroz, berradora, pulsos cabeludos e grossos, anca de animal do campo. Tinha duas filhas, uma casada e separada do marido, Ana das Dores, a quem só chamavam a “das Dores”, e a outra donzela ainda, a Nenen, e mais um filho, o Agostinho, menino levado dos diabos,

que gritava tanto ou melhor que a mãe. A das Dores morava em sua casinha à parte, mas toda a família habitava no cortiço.

Ninguém ali sabia ao certo se a Machona era viúva ou desquitada; os filhos não se pareciam uns com os outros. A das Dores, sim, afirmavam que fora casada e que largara o marido para meter-se com um homem do comércio; e que este, retirando-se para a terra e não querendo soltá-la ao desamparo, deixara o sócio em seu lugar. Teria vinte e cinco anos.

Nenen dezessete. Espigada, franzina e forte, com uma proazinha de orgulho da sua virgindade, escapando como enguia por entre os dedos dos rapazes que a queriam sem ser para casar. Engomava bem e sabia fazer roupa branca de homem com muita perfeição.

Ao lado da Leandra foi colocar-se à sua tina a Augusta Carne-Mole, brasileira, branca, mulher de Alexandre, um mulato de quarenta anos, soldado da polícia, pernóstico, de grande bigode preto, queixo sempre escanhado e um luxo de calças brancas engomadas e botões limpos na farda, quando estava de serviço. Também tinham filhos, mas ainda pequenos, um dos quais, a Juju, vivia na cidade com a madrinha que se encarregava dela. Esta madrinha era uma cocote de trinta mil-réis para cima, a Léonie, com sobrado na cidade. Procedência francesa.

Alexandre, em casa, à hora do descanso, nos seus chinelos, e na sua camisa desabotoada, era muito chão com os companheiros de estalagem, conversava, ria e brincava, mas envergando o uniforme, encerando o bigode e empunhando a sua chibata, com que tinha o costume de fustigar as calças de brim, ninguém mais lhe via os dentes e então a todos falava teso e por cima do ombro. A mulher, a quem ele só dava tu quando não estava fardado, era de uma honestidade proverbial no cortiço, honestidade sem mérito, porque vinha da indolência do seu temperamento e não do arbítrio do seu caráter.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

O texto lido é um trecho do romance “*O Cortiço*” de Aluísio Azevedo, que conta o desenvolvimento e progresso de um cortiço. O romance em questão apresenta o dia a dia dos moradores e vizinhos desta estalagem.

Recordando tudo o que vimos no bimestre sobre romance (e sua estrutura) e o texto lido, formule sua definição de romance.

Habilidade trabalhada

Identificar o sentido especializado do termo “romance” diferenciando-o do uso comum do termo.

Estabelecer as diferenças estruturais entre romance, conto e crônica.

Resposta comentada

Com esta atividade, o aluno terá a oportunidade de desenvolver a sua própria definição de romance a partir de tudo o que viu, leu e ouviu durante o bimestre. Como também diferenciar o gênero em estudo da crônica e do conto.

O aluno terá de compreender e conseqüentemente responder que o “*romance*” é uma história corriqueira, ou seja, do dia a dia, são fatos que podem acontecer na vida real. Diferente da crônica e do conto o romance é uma obra que possui muitos personagens e várias tramas em que mostram as características físicas e psicológicas (com suas complexidades) dos envolvidos na obra. A história é longa que se passa em um espaço longo de tempo, com inúmeras complicações e não possui apenas um clímax.

No momento da correção cabe ao educador ressaltar que não existe apenas uma definição de romance e que a história do romance pode ter ou não um acontecimento romântico.

QUESTÃO 2

No decorrer do trecho de *O Cortiço*, observamos muitas palavras “*complicadas*” e diferentes das que usamos usualmente. Como por exemplo, a palavra em destaque do trecho extraído do Texto gerador I:

*“Esta madrinha era uma **cocote** de trinta mil-réis para cima, a Léonie, com sobrado na cidade. Procedência francesa.”*

Observando o contexto do trecho, o que você acha que quer dizer *cocote*?

Agora, pesquise o significado deste termo e diferentes fontes.

Qual é o significado que você encontrou?

A compreensão do texto citado mudou ou permaneceu a mesma? Justifique.

Habilidade trabalhada

Inferir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto em que são usadas.

Resposta comentada

Podemos recordar ao aluno que uma palavra pode ter ampla significação, ou seja, vários significados dependendo do contexto histórico, da região, da idade do leitor e do escritor, do grau de escolaridade de ambos etc. O aluno analisando a palavra no seu contexto ele já deduzirá que esta significa “*prostituta*”, contudo a pesquisa o auxiliará a ter certeza desta definição.

QUESTÃO 3

“Alexandre, em casa, à hora do descanso, nos seus chinelos, e na sua camisa desabotoada, era muito chão com os companheiros de estalagem, conversava, ria e brincava, mas envergando o uniforme, encerando o bigode e empunhando a sua chibata, com que tinha o costume de fustigar as calças de brim, ninguém mais lhe via os dentes e então a todos falava teso e por cima do ombro.”

O texto exemplifica qual elemento do enredo? Justifique.

Habilidade trabalhada

Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

Resposta comentada

Para responder a questão o aluno terá que saber primeiramente quais são os elementos do enredo (caso não recordem, cabe ao professor relembrar que são apresentação, complicação, clímax e desfecho.)

Observando o fato de que o trecho descreve o personagem e suas atitudes, facilmente o educando perceberá que se trata de uma apresentação, pois o texto não traz nenhuma situação problema, nenhum grande acontecimento e nenhum desdobramento de algum fato.

TEXTO GERADOR II

O CORTIÇO

ALUÍSIO AZEVEDO

(...)

Fechou-se um entra-e-sai de marimbondos defronte daquelas cem casinhas ameaçadas pelo fogo. Homens e mulheres corriam de cá para lá com os tarecos ao ombro, numa balbúrdia de doidos. O pátio e a rua enchiam-se agora de camas velhas e colchões espocados. Ninguém se conhecia naquela zumba de gritos sem nexo, e choro de crianças esmagadas, e pragas arrancadas pela dor e pelo desespero. Da casa do Barão saíam clamores apopléticos; ouviam-se os guinchos de Zulmira que se espolinhava com um ataque. E começou a aparecer água. Quem a trouxe? Ninguém sabia dizê-lo; mas viam-se baldes e baldes que se despejavam sobre as chamas.

Os sinos da vizinhança começaram a badalar.

E tudo era um clamor.

A Bruxa surgiu à janela da sua casa, como à boca de uma fornalha acesa. Estava horrível; nunca fora tão bruxa. O seu moreno trigueiro, de cabocla velha, reluzia que nem metal em brasa; a sua crina preta, desgrenhada, escorrida e abundante como as das éguas selvagens, dava-lhe um caráter fantástico de fúria saída do inferno. E ela ria-se, ébria de satisfação, sem sentir as queimaduras e as feridas, vitoriosa no meio daquela orgia de fogo, com que ultimamente vivia a sonhar em segredo a sua alma extravagante de maluca. Ia atirar-se cá para fora, quando se ouviu estalar o madeiramento da casa incendiada, que abateu rapidamente, sepultando a louca num montão de brasas.

QUESTÃO 1

*“Bruxa surgiu à janela da sua casa, **como** à boca de uma fornalha acesa. (...)”*

*“(...) escapando **como** enguia por entre os dedos dos rapazes que a queriam sem ser para casar.”*

Nos períodos extraídos dos textos geradores observamos o emprego da conjunção “como”. Que sentido é atribuído à conjunção nos trechos?

- a) Causa e conformidade;
- b) conformidade e conformidade;
- c) comparação e causa;
- d) comparação e comparação;
- e) comparação e causa.

Habilidade trabalhada

Relacionar o uso de conjunções subordinativas variadas aos sentidos produzidos nas sequências.

Resposta comentada

Nesta atividade o aluno terá de analisar o contexto para compreender o sentido da conjunção utilizada, já que esta pode assumir as 3 possibilidades (causa, conformidade e comparação) dependendo do contexto que é empregada.

Observando os períodos citados, ele chegará à conclusão de que ambos os trechos estão realizando o processo de comparação, optando então, pela alternativa **d**.

QUESTÃO 2

Observe o enunciado abaixo:

*“O seu moreno trigueiro, de cabocla velha, reluzia **que nem** metal em brasa;”*

O termo em destaque pode ser substituído por qual (quais) conjunção (conjunções)?

Que ideia esta conjunção trás?

Reescreva o enunciado empregando outra conjunção, porém que permaneça o seu sentido.

Habilidade trabalhada

Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da subordinação.

Resposta comentada

Com esta atividade o aluno poderá perceber que mesmo não reconhecendo a conjunção empregada ele poderá reconhecer sua ideia através da substituição desta. Ao substituí-la, conseqüentemente reconhecerá sua ideia de comparação e por fim poderá reescrever o enunciado utilizando uma outra conjunção que tenha a mesma finalidade.

*“O seu moreno trigueiro, de cabocla velha, reluzia **que nem** metal em brasa;”*

- como, assim como, tanto quanto...

- ideia de comparação.

- “O seu moreno trigueiro, de cabocla velha, reluzia **tanto quanto** metal em brasa;”

QUESTÃO 3

Leia os enunciados abaixo:

“*Ia atirar-se cá para fora, **quando** se ouviu estalar o madeiramento da casa incendiada (...)*”

“*O sardineiro os afastava com o pé, **enquanto** vendia o seu peixe (...)*”

Observe a conjunção utilizada e responda as seguintes questões:

Classifique as orações do 1º enunciado.

Classifique as orações do 2º enunciado.

O que os enunciados têm em comum? Justifique.

Habilidade trabalhada

Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da subordinação.

Resposta comentada

Com este exercício o aluno poderá classificar, não apenas as orações subordinadas, como também as principais. Aprimorando seus conhecimentos em relação ao processo de subordinação.

- Oração Principal/ Oração subordinada Adverbial temporal
- Oração Principal/ Oração subordinada Adverbial temporal
- Ambos possuem a mesma classificação, ou seja, são orações subordinadas adverbiais temporais, mesmo utilizando-se de distintas conjunções. Este fato ocorre porque os enunciados provocam a mesma ideia, a de tempo.

OBS: da letra **c** nesta questão o aluno terá de justificar sua classificação e assim recordar que a mesma não é feita apenas pelo uso da conjunção, mais também pela ideia que ela evoca.

ATIVIDADES DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 1

Partindo da leitura dos textos geradores, criaremos uma conexão com os dois textos, já que estes são trechos do mesmo livro. Reúnam-se em grupos e criem um elo entre o início do texto com o seu fim.

Obs: Não esqueça de apresentar os personagens que aparecem apenas no segundo texto.

Habilidade trabalhada

Produzir coletivamente um texto narrativo cuja estrutura se aproxime do romance.

Resposta comentada

Aqui o educando poderá criar um elo em as duas partes do romance, tendo total liberdade de criação. Confeccionando assim, um “*trecho romântico*”.

Observando que o texto gerador I é o início do romance e o II já seria o finzinho do mesmo, o aluno terá a oportunidade de criar um elo entre os dois textos, em que ele decide o desenvolvimento e o fim de cada personagem.

Ao corrigir o professor terá que ter o cuidado de observar se nenhum personagem ficou “perdido no meio do caminho”, todos eles deverão ter seu início e fim bem definidos, não precisando, porém ser igual ao da história original.

Obs.: Lembrando também, que a história criada pelo aluno deve ter coerência e características de um romance.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Alúcio. **O Cortiço**. Porto Alegre. L&PM, 1998.

IMPLEMENTAÇÃO

Ao contrário do 1º RA, neste eu senti os alunos com uma maior facilidade em resolver as questões. A maior dificuldade que tiveram foi com os textos geradores, pois a linguagem utilizada nesses é muito diferente da que eles usam em seu dia a dia, porém com o auxílio do dicionário e também lendo o contexto, logo este problema foi solucionado.

Percebi também uma maior identificação dos alunos com este romance, acho que é pelo fato de estar mais perto da realidade deles (se passa no Rio, fala de favela, sexualidade, traições...).

A atividade de produção textual foi a única que me deixou de cabelo em pé (rs), pois para criar o elo entre os dois textos eles ficaram muito confusos e muitas das vezes sem criatividade para dar início ou fim a um personagem, sem contar os personagens que eram esquecidos no meio do caminho. E em meio a este vendaval o texto ainda tinha que ter características de romance (me questionei inúmeras vezes por ter criado a bendita atividade!), ou seja, não poderia ser uma historinha curta ou sem graça, tinha que ser longa e com emoção!

Sendo muito sincera, nem todos conseguiram fazer, creio que a maioria fez e obteve um resultado até que satisfatório. Porém, a atividade foi necessária, pois os alunos precisam adquirir o hábito da escrita ou melhor, o hábito da coerência na escrita e por mais que seja difícil o início, o meio e o fim, quando passa o desespero vemos que tudo valeu a pena.